

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.142
Quinta-feira, 17 de Agosto de 1922
PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talha — Lisboa. Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Ainda ontem fomos mimoseados pela censura numa simples nota officiosa dum organismo sindical. Não protestamos. A seu tempo se saberá que a censura, como as perseguições governamentais, trazendo prejuízos consideráveis ao justíssimo movimento, também contribuíram para que o mesmo, como protesto, ainda se prolongasse por mais tempo contra os desejos da própria autoridade...

Nisto dão os excessos de zelo... Pois já é tempo de ter juízo quem só se lembra de o aconselhar.

A LUTA CONTRA A CARESTIA DOS GENEROS

O povo trabalhador, quando deu por findo o movimento de protesto contra o aumento do preço do pão, sabia muito bem que os poderes públicos, solidários com as moagens e os agricultores, não atenderiam. O povo trabalhador sabe bem que os poderes públicos, que se dizem seus representantes, representam apenas interesses particulares de capitalistas. Mas o povo trabalhador com o seu movimento grevista quiz, primeiro que tudo, demonstrar que, já não se deixa expoliar sem um gesto dignificante de rebeldia.

O operariado que ontem se agitou por todo o país protestando contra o preço do pão demonstrou que, quando se trata de erguer a sua voz contra o custo asfixiante de todos os géneros, saberá ser mais enérgico ainda, mais forte na luta.

Que se canssem os jornais burgueses a dizer que a greve não prestou e que desejavamos a desordem — que o operariado sabe muito bem que tem razão e só ele a poderá impôr!

INSINUAÇÕES TORPES

A questão do pão é apenas o aspecto duma causa geral — Ou se combate a grande —: causa ou prosseguirão as coligações :-

Não se enganem aqueles que dizem que por detrás do movimento a que o Comité Central local deu fim na passada segunda-feira à noite havia qualquer outra coisa que não vinha a público.

Havia, de facto, qualquer outra coisa. Simplesmente essa outra coisa não é nada do que essas criaturnas querem insinuar.

As insinuações, torpes na boca ou na pena dessas criaturnas já já pecha velha. Veem já de quando se proclamou a república.

Depois de 1910 quasi não houve movimento popular algum, e sobretudo de carácter sindical, especialmente greves, que não fosse acimado de movimento misterioso e em que não andasse dinheiro a jorros...

Primeiro a insinuação velha, torpemente velha, de que eram maneios de reaccionários, de monarquicos que favoreciam os mesmos com dinheiros vindos não se sabia de onde e recebidos não se sabia por quem...

Veio depois a guerra e já aquelas insinuações infamantes haviam sido pulverizadas, apesar de terem sido utilizadas pelos próprios governantes.

Mas logo nova torpesa vinha a lume: eram os boches quem fomentava e alimentava os movimentos grevistas que então se verificaram, como consequência do acrecimo de mal estar económico.

Tendo este sido agravado consideravelmente depois da guerra, mais greves se produziram. Mas como o terminar da guerra coincidiu com o pronunciamento da Revolução russa — Revolução que contribuiu para a cessação do Grande Crime — logo os venenosos da

Manuel Ribeiro e a sua literatura

Um revolucionário arredado da sua missão? Condescendência perigosa? Um género de literatura que convém discutir

Meu caro Manuel Ribeiro: — Eu sou daqueles que se habituaram a beber com delícia a sua prosa palpitante, plena de beleza, impregnada de ideal, reveladora dum espirito superior e contemplativo.

Quando surgiu a *Catedral*, cuja forma literária embebida de encanto, me patenteou os seus recursos literários — até então apenas esboçados num ou noutro recorte de período vermelho da sua prosa intensa de revolucionário — experimentei, mal refeito da surpresa, um prazer incomparável. Lembrou-me de ter exclamado para comigo: «Eis que aparece pela primeira vez em Portugal um homem que sabe encerrar de frente a sua época literária, um revolucionário capaz de manter equilíbrio perfeito entre a sedução da arte e um ideal de redenção humana».

Você não o desconhece: eu sou um pouco imaginoso, idealista. Por isso gosto de, em pensamento, adiantar-me aos factos. A minha imaginação irreverente, perante a aparição feliz do seu livro, entregou-se, sem receios, sem hesitações, nos braços da fantasia.

Octave Mirbeau provou exuberantemente, em França, que as mais rasgadas teorias revolucionárias cabem à larga no campo literário, não embaciando, antes avivando o brilho, a emoção, a beleza que a literatura, para ser litera-

Notas e Comentários

Uma gralha esquisita A *Pátria*, que pode chamar-se jornal pelo facto de sair todos os dias da casa da máquina onde é impresso, diz que a reacção contra as «agitações» começa a concretizar-se. De tal forma essa concretização, deve sair, segundo afirma o pseudo-jornal, um partido semelhante ao dos fascistas italianos para o qual se inscreveram indivíduos de todas as classes sociais.

Presumimos que deve ser gralha do jornal. Não se trata de fascistas mas sim de fariseus. Para a sua chefia não hesitamos em propor o director do jornal a que aludimos: é que é um fariseu de má nota e de bom vinho do Porto.

Desse vinho que o ajuda a beber, a comer e a viver...

Como se faz Um dos jornais mais bem feitos da nossa vizinha Espanha — *La Libertad* — noticiava a seu modo a greve geral em Lisboa. Contava, numa linguagem confusa, que a policia assaltara o café *Chave de Ouro* e ali prendera o comité da greve que tinha entre os seus membros, sabem quem? — o dr. Trindade Coelho. E para maior espanto dos leitores espanhóis innumerava os misteres de tam ilustre grevista frisando: *el conocido parlamentario doctor Trindades, que estuvo indicado para ministro de Portugal en Madrid.*

Que idea terrificante não de fazer os conservadores espanhóis do progresso das ideias extremistas no nosso país...

Os «milagres» M. R. L. escreve na *Epoca* as suas impressões sobre a peregrinação a Lourdes onde foi para fazer a «reparação» dos milagres e donde regressou para desculpar em frases ditas a falta de milagres que não lhe houve. Desta vez Deus não escamoteou aos fideis o destino inevitavelmente trágico de certas enfermidades, não fez nenhuma cura milagrosissima, nem sequer deu vida aos 40 mortos do desastre do comboio de perigosos.

Mais abaixo o católico jornalista diz que os doentes ao saírem da piscina traziam uma expressão de alívio. Mas isso sucede sempre que se toma banho, se arranca um dente, ou se vai ao W.C. — Expressão de alívio devem eles terem a esta hora mas é na algeibira, visto que Deus em Lourdes se cobra dos milagres, mesmo que eles se não verifiquem, como é hábito.

Também o clarividente mancebo diz

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A Contabilidade Administrativa dos Organismos Operários

Por: GIL GONÇALVES

CAPITULO VI
Receita e despesa

O livro «Caixa» geralmente usado, serve para nele se lançar toda a receita e despesa, sendo de uso dadas o nome de balancetes a mapas extrahidos deste livro.

Mas o livro caixa, recebendo os proventos da Associação, arrecada-os sem os distribuir; acumula-os sem dizer claramente onde eles veem, duma maneira incisiva e de fácil análise.

Do mesmo modo procede para com as despesas. Estas effectuam-se e o livro regista-as sem se occupar da sua classificação.

Ora é disto que temos que encarar o nosso livro caixa.

Numa escrita associativa a meu cargo, eu resolveria a questão do seguinte modo:

Chamaria ao meu Caixa: — «Livro analítico da receita e despesa». E dele extrairia uns mapas que intitularia: — «Mapa intuitivo do movimento de receita e despesa»; isto para mais clara compreensão das funções deste livro e mapas.

Vejamos quais elas são:

Classificamos a receita em cinco categorias especiais: — «Cotização ordiná-

Eros do movimento

Como ontem dissemos a Comissão de demarches do último movimento entregou-se com o presidente do ministério, a fim de tratar da questão pendente do protesto popular e proletário.

Nessa entrevista foram apreciados os últimos aumentos havidos no custo da vida, tendo o chefe do governo apresentado nas suas linhas gerais o plano governamental que julga factível para o melhoramento das condições económicas do país.

Como medida atinente a satisfazer as reclamações e protestos proletários levou o projecto de lei que já ante-ontem apresentou ao parlamento contra os especuladores, negociantes grandes e pequenos, que promovem o encarecimento do custo da vida.

Sobre a questão do pão declarou que sendo a lei cerealífera promulgada pelo parlamento, o Estado poderia revogar ou substituir, declarando-lhe a emissão de pão se poderia instituir em quasi todo o país sem que com o seu preço se sobrecarregasse o Estado ou favorecesse a moagem e panificação, pois nem o pão político ficaria subsistindo, nem se daria margem às fraudes e especulações de que o povo tem sido vítima.

E como os *leaders* dos partidos haviam já declarado a comissão não terem dúvida em de novo discutir a questão logo que terminasse a greve, convencionou-se que aos mesmos seriam presentes os elementos da comissão por intermédio do dr. sr. João Comas para, por sua iniciativa, ou de comum accordo com o ministro da agricultura, se a questão de novo presente ao parlamento, e se for possível ainda na presente sessão legislativa.

A comissão tratou igualmente da reabertura da C. G. T., da censura sistemática à *Batalha* e da libertação dos presos, ficando o presidente do conselho de promover a necessária gestão para que a reclamação seja atendida o mais breve possível.

A comissão continuará hoje no desempenho da missão que lhe foi confiada pelo Comité Central do movimento que ainda não se dissolveu, o que só acontecerá quando forem reabertas as sedes encerradas dos organismos sindicais que estão nessa situação.

As «belezas» da «ordem»

Nos calabouços do governo civil encontram-se presos: José Eduardo da Silva, servente de pedreiro, que foi agredido bárbaramente a cavalo marinho

«A Batalha»

Ainda hoje não nos é possível dar «A Batalha» com as quatro páginas. Como para os nossos camaradas e leitores, também para nós este facto é arrelviador. Compreendemos todos, contudo, que só a normalidade da situação que nos foi criada determina esta falta, por isso mesmo involuntária. Esforçemo-nos porque já amanhã possamos remover certos obstáculos. Mas se, malgrado disso, não nos for possível depois de amanhã, com certeza, voltará a sair normalmente com as quatro páginas.

«A Batalha»

(Continua.)

Como se iniciou o movimento no Porto

A União dos Sindicatos Operários do Porto vota a greve geral em princípio contra o estabelecimento dos dois tipos de pão e seu respectivo encarecimento — Uma torpe acusação dum parlamentar democrático — Protesta-se contra a apreensão de A Batalha

PORTO, 6. — A organização operária desta cidade não podia ficar indiferente ante a execução da actual lei cerealífera que nos atira para a voragem dos moedores, dos industriais de panificação e agricultores, muito menos podendo também ficar alheia ao movimento contra os dois tipos de pão e consequente encarecimento iniciado na capital. Assim, a C. A. da União Local imediatamente convocou uma assembleia extraordinária de delegados ao conselho federal e de directores dos organismos profissionais, com a representação dos Sindicatos da Construção Civil, Curores e Pêles, Metalúrgico, Mobiliário, Têxtil e Vestuário, Associações dos Barbeiros, Carregadores e Descarregadores, Jardineiros, Litógrafos, Confeiteiros, Manipuladores de Pão e Empregados das Carnes Verdes, Liga das Artes Gráficas e União dos Empregados no Comércio.

O secretário geral sucintamente expôs os fins da reunião, demonstrando a urgência que há de se operar no movimento de protesto ante a gravidade da situação que o estabelecimento dos dois tipos de pão e o seu encarecimento traz para todo o consumidor pobre. Referindo-se às constantes manobras da moagem, às tráfegadas da panificação e à protecção da cumplicidade do parlamento e do governo, colocados ostensivamente contra o povo, salienta criticamente que o norte tem o dever de acompanhar as classes trabalhadoras do sul na campanha contra a lei cerealífera e em prol dum tipo único de pão e do emparelhamento deste principal género alimentício.

A discussão foi acesa, sendo a assembleia unânime em criticar, com aspera indignação, os falcatruados da moagem e panificação e a conveniência do governo, predominando a corrente de se proclamar a greve geral em princípio. Em consequência desta entusiástica tendência de todos os presentes, foi aprovada uma moção apresentada pelo delegado dos metalúrgicos, cujas conclusões terminam:

1.º — Declarar a greve geral em princípio;
2.º — Convidar todos os sindicatos a pronunciarem-se segunda-feira sobre tal moção assente;
3.º — Que a União edite imediatamente um manifesto ao público, expondo-lhe a esbulhação de que está para ser vítima e que os sindicatos façam o mesmo.

Um intruso? —

O delegado dos barbeiros relata uma

Freitas.

Como foi recebido o reaparecimento de A BATALHA — Alguns subsídios para a história do último movimento operário — A acção policial

PORTO, 14. — Para uma grande parte do operariado portuense, a leitura de A Batalha constitui uma necessidade integrante dos seus costumes cotidianos. E' por isso que a sua suspensão forçada, graças à republicana censura exercida, excepcional e rigorosamente, contra o órgão da C. G. T., veio abrir uma lacuna sensível nos meios produtores. Ansiosamente, a reaparição de A Batalha era esperada. Foi, precisamente, o que ontem se notou. Mal os vendedores de jornais soltaram os seus primeiros pregões, anunciando a venda do órgão proletário, verificou-se um certo interesse por parte do público, que, pressurosamente, corria a comprá-lo. Alguns polícias da segurança e de pesa social e que não gostaram muito de tal indispensável leitura, tanto mais que o rapaz, numa intuição simpática, frechadamente redobrava os seus pregões pro-A Batalha, pelo que vários agentes o perseguiram, não conseguindo outro resultado além da intensificação do apregoamento vibrante do nosso jornal.

Então, foi recebido com satisfação o reaparecimento de A Batalha, cujos seus níveis cortados censórios, a publicação de verdades amargas, deu a impressão dos flagrantes e solidos tempos em que o lápis azul do célebre juiz Veiga não era tão rígido nem tão democrático.

Para que não fique incompleta a história do último movimento da organização operária, convém gravar que o vizinho concelho de Vila Nova de Gaia não ficou alheio aos acontecimentos. Antes pelo contrário: naquela localidade, a greve foi relativamente mais geral do que no Porto, causando este facto uma certa apreensão, posto que foi a primeira vez que o operariado gaiano se portou com determinada ousadia. E' verdade que para este resultado bastante contribuiu a acção de diferentes

intermedios operários conscientes, nomeadamente a juventude sindicalista da terra.

A semelhança do que aconteceu com a U. S. O. desta cidade, a sede da Juventude sindicalista de Gaia, onde estão instalados também a sua escola e outros organismos profissionais, foi invadida pela polícia e guarda republicana, na ocasião em que lá se efectuava uma reunião do povo consumidor. E para que se não dissesse que as autoridades republicanas em nada se tinham adeantado às autoridades monarchicas, elas fecharam as portas, trancaram-nas por dentro, com barrotes, saindo depois por uma janela das trazeiras, à guisa de saltadores...

Inédito este processo de encerramento de colectividades. No dia posterior, houve ordem para a abertura da sede em referência. Mas, como os sócios não estavam dispostos a entrar por outro lado se não pela porta, um polícia e o mesmo guarda republicano, para honra dum regime e prestígio da farda, desfizeram aquilo que fizeram na noite anterior, isto é: escalaram a janela, com muito custo, e foram, por dentro, desatracando as portas. Isto são subsídios, eloquentes, para a história do movimento.

Mais subsídios: O chefe Teófilo, da 1.ª esquadra, foi o que mais se alienou na furibunda chafalhada na Almeida das Fontainhas, os gritos de: carregat' nesses tr... (pois haviam mulheres em grande número), como os antigos portugueses, contra os mouros, gritavam: Portugal e S. Tiago! Sua mulher, conhecida pela chefe, e de pouca simpatia entre os do seu sexo, também dava ordens.

Pois aquele chefe, adevido, muito republicano e muito superior em maus instintos aos seus antigos colegas, e breiro, Ennes e quejandos policíotes graduados da ominosa, declarou a al-

to de protestar contra o actual regime dos três tipos e reclamar o regresso ao tipo único ao preço de 60 centavos.

Rurais de S. Manços

Reuniu em sessão extraordinária o sindicato dos rurais de S. Manços para apreciar o decreto que criou os três tipos de pão e o seu aumento de preço.

Foi deliberado protestar energicamente e reclamar um tipo único a 60 centavos o quilo.

O caso de Estiramantens

Depois de 8 dias de incommunicabilidade nos calabouços do governo civil, P. S. E., o operário Francisco do Carmo Guerreiro, que, como temos noticiado, foi preso em Estiramantens pelo crime de ser membro do sindicato misto daquela localidade, razão porque os patrões e lavradores o acusam de "agitador perigoso".

E para satisfazer caprichos desta natureza, priva-se uma criatura da liberdade.

Francisco do Carmo Guerreiro encontra-se no calabouço n.º 6 do governo civil.

Uma vítima da "ordem"

No hospital de S. José faleceu António Dias, auxiliar de cantoneiro, que no dia 9 do corrente foi atingido por um polícia, na travessa do Pereira, só porque fugiu com medo, quando o mandaram fazer "alito".

O enterro é hoje, às 14 horas, para o Alto de S. João.

Rurais de Souza

Reuniu em sessão magna para apreciar a questão do pão, tendo delibera-

do a greve geral em princípio contra o estabelecimento dos dois tipos de pão e seu respectivo encarecimento — Uma torpe acusação dum parlamentar democrático — Protesta-se contra a apreensão de A Batalha

PORTO, 6. — A organização operária desta cidade não podia ficar indiferente ante a execução da actual lei cerealífera que nos atira para a voragem dos moedores, dos industriais de panificação e agricultores, muito menos podendo também ficar alheia ao movimento contra os dois tipos de pão e consequente encarecimento iniciado na capital. Assim, a C. A. da União Local imediatamente convocou uma assembleia extraordinária de delegados ao conselho federal e de directores dos organismos profissionais, com a representação dos Sindicatos da Construção Civil, Curores e Pêles, Metalúrgico, Mobiliário, Têxtil e Vestuário, Associações dos Barbeiros, Carregadores e Descarregadores, Jardineiros, Litógrafos, Confeiteiros, Manipuladores de Pão e Empregados das Carnes Verdes, Liga das Artes Gráficas e União dos Empregados no Comércio.

O secretário geral sucintamente expôs os fins da reunião, demonstrando a urgência que há de se operar no movimento de protesto ante a gravidade da situação que o estabelecimento dos dois tipos de pão e o seu encarecimento traz para todo o consumidor pobre. Referindo-se às constantes manobras da moagem, às tráfegadas da panificação e à protecção da cumplicidade do parlamento e do governo, colocados ostensivamente contra o povo, salienta criticamente que o norte tem o dever de acompanhar as classes trabalhadoras do sul na campanha contra a lei cerealífera e em prol dum tipo único de pão e do emparelhamento deste principal género alimentício.

A discussão foi acesa, sendo a assembleia unânime em criticar, com aspera indignação, os falcatruados da moagem e panificação e a conveniência do governo, predominando a corrente de se proclamar a greve geral em princípio. Em consequência desta entusiástica tendência de todos os presentes, foi aprovada uma moção apresentada pelo delegado dos metalúrgicos, cujas conclusões terminam:

1.º — Declarar a greve geral em princípio;
2.º — Convidar todos os sindicatos a pronunciarem-se segunda-feira sobre tal moção assente;
3.º — Que a União edite imediatamente um manifesto ao público, expondo-lhe a esbulhação de que está para ser vítima e que os sindicatos façam o mesmo.

Um intruso? —

O delegado dos barbeiros relata uma

Freitas.

Como foi recebido o reaparecimento de A BATALHA — Alguns subsídios para a história do último movimento operário — A acção policial

PORTO, 14. — Para uma grande parte do operariado portuense, a leitura de A Batalha constitui uma necessidade integrante dos seus costumes cotidianos. E' por isso que a sua suspensão forçada, graças à republicana censura exercida, excepcional e rigorosamente, contra o órgão da C. G. T., veio abrir uma lacuna sensível nos meios produtores. Ansiosamente, a reaparição de A Batalha era esperada. Foi, precisamente, o que ontem se notou. Mal os vendedores de jornais soltaram os seus primeiros pregões, anunciando a venda do órgão proletário, verificou-se um certo interesse por parte do público, que, pressurosamente, corria a comprá-lo. Alguns polícias da segurança e de pesa social e que não gostaram muito de tal indispensável leitura, tanto mais que o rapaz, numa intuição simpática, frechadamente redobrava os seus pregões pro-A Batalha, pelo que vários agentes o perseguiram, não conseguindo outro resultado além da intensificação do apregoamento vibrante do nosso jornal.

Então, foi recebido com satisfação o reaparecimento de A Batalha, cujos seus níveis cortados censórios, a publicação de verdades amargas, deu a impressão dos flagrantes e solidos tempos em que o lápis azul do célebre juiz Veiga não era tão rígido nem tão democrático.

Para que não fique incompleta a história do último movimento da organização operária, convém gravar que o vizinho concelho de Vila Nova de Gaia não ficou alheio aos acontecimentos. Antes pelo contrário: naquela localidade, a greve foi relativamente mais geral do que no Porto, causando este facto uma certa apreensão, posto que foi a primeira vez que o operariado gaiano se portou com determinada ousadia. E' verdade que para este resultado bastante contribuiu a acção de diferentes

intermedios operários conscientes, nomeadamente a juventude sindicalista da terra.

A semelhança do que aconteceu com a U. S. O. desta cidade, a sede da Juventude sindicalista de Gaia, onde estão instalados também a sua escola e outros organismos profissionais, foi invadida pela polícia e guarda republicana, na ocasião em que lá se efectuava uma reunião do povo consumidor. E para que se não dissesse que as autoridades republicanas em nada se tinham adeantado às autoridades monarchicas, elas fecharam as portas, trancaram-nas por dentro, com barrotes, saindo depois por uma janela das trazeiras, à guisa de saltadores...

Inédito este processo de encerramento de colectividades. No dia posterior, houve ordem para a abertura da sede em referência. Mas, como os sócios não estavam dispostos a entrar por outro lado se não pela porta, um polícia e o mesmo guarda republicano, para honra dum regime e prestígio da farda, desfizeram aquilo que fizeram na noite anterior, isto é: escalaram a janela, com muito custo, e foram, por dentro, desatracando as portas. Isto são subsídios, eloquentes, para a história do movimento.

Mais subsídios: O chefe Teófilo, da 1.ª esquadra, foi o que mais se alienou na furibunda chafalhada na Almeida das Fontainhas, os gritos de: carregat' nesses tr... (pois haviam mulheres em grande número), como os antigos portugueses, contra os mouros, gritavam: Portugal e S. Tiago! Sua mulher, conhecida pela chefe, e de pouca simpatia entre os do seu sexo, também dava ordens.

Pois aquele chefe, adevido, muito republicano e muito superior em maus instintos aos seus antigos colegas, e breiro, Ennes e quejandos policíotes graduados da ominosa, declarou a al-

to de protestar contra o actual regime dos três tipos e reclamar o regresso ao tipo único ao preço de 60 centavos.

Rurais de S. Manços

Reuniu em sessão extraordinária o sindicato dos rurais de S. Manços para apreciar o decreto que criou os três tipos de pão e o seu aumento de preço.

Foi deliberado protestar energicamente e reclamar um tipo único a 60 centavos o quilo.

O caso de Estiramantens

Depois de 8 dias de incommunicabilidade nos calabouços do governo civil, P. S. E., o operário Francisco do Carmo Guerreiro, que, como temos noticiado, foi preso em Estiramantens pelo crime de ser membro do sindicato misto daquela localidade, razão porque os patrões e lavradores o acusam de "agitador perigoso".

E para satisfazer caprichos desta natureza, priva-se uma criatura da liberdade.

Francisco do Carmo Guerreiro encontra-se no calabouço n.º 6 do governo civil.

Uma vítima da "ordem"

No hospital de S. José faleceu António Dias, auxiliar de cantoneiro, que no dia 9 do corrente foi atingido por um polícia, na travessa do Pereira, só porque fugiu com medo, quando o mandaram fazer "alito".

O enterro é hoje, às 14 horas, para o Alto de S. João.

Rurais de Souza

Reuniu em sessão magna para apreciar a questão do pão, tendo delibera-

Entre outros, falam os ferroviários João Figueiredo, Jacinto de Sousa, Heremegildo Passos, António Pereira Leite, Adriano Ferreira dos Santos, Manuel Pereira, Aristides Ferreira, Joaquim de Almeida e José Ferreira Felix, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Desnecessário será transcrever os discursos de cada orador, posto que se orientavam na mesma ordem de ideias. Basta apenas frisar que eles foram veementemente e constituiram um cerrado mas criterioso ataque a todos os causadores da ruína do povo, desde o tram-poleiro da política ao ladrão da finança, do comércio, da indústria e da agricultura e, portanto, da moagem. A numerosa assistência chegou, por vezes, ao rubro do entusiasmo, demonstrando a sua revolta e a sua sede de justiça, resultantes do sofrimento que penosamente tem suportado. Por aclamação, foi aprovada uma energética moção-proposta, com as seguintes conclusões:

1.º — Protestar activa e energicamente contra todos aqueles que têm causado a miséria nos lares das classes proletárias;

2.º — Votar ao abismo do desprezo os esbarradores, ladrões, intermediários de qualquer posição ou classe, que acobertados por uma dúzia de imbecis com mando descredenciado, tem enlameado a terra que pisam e juram saciar no povo as suas desvaídas ambições;

3.º — Enviar telegramas de alto e energético protesto aos actuais dirigentes das pastas do trabalho, comércio e agricultura, contra a alteração do regime do pão e agravamento do seu custo;

4.º — Procurar a unidade imediata e duradoura entre todos os ferroviários do país englobando os seus protestos aos dos trabalhadores das restantes classes;

5.º — Saludar todas as classes operárias organizadas, e registrar com louvor as campanhas justas e dignificantes que contra a carestia da vida, de há muito foram encetadas pelo jornal do operariado português A Batalha e pelo internacionalista Jornal de Notícias, do Porto, órgão defensor do povo consumidor do norte do país;

6.º — Insistir por um imediato aumento de vencimentos, dada a contingência miserável em que os ferroviários se encontram, e a provada incompetência daqueles que não quiseram ainda meter nas cadeias do país os gatunos do povo consumidor que continuam tripudiando à vontade e pelo prazer da camarilha.

guem que se assim procedeu fora devido a não reconhecer razão no operariado, que ganha muito dinheiro...

Ele, que só, auferia 8000 diários, vive bem... E é verdade: fuma constantemente charuto, bebe e paga cafés, tem certas extravagâncias caras... tudo por 8000 diários... Mas depois, escoregando, foi dizendo que preferia estar de harmonia com os negociantes... os da patronal... Pudera! Sempre receberá de presente, uns quilos de bacalhau, de açúcar, umas pingas de azeite, etc., etc., que, junto a outras alcavalas, faz subir a mensalidade a uma quantia muito principessa, à custa do suor do seu rosto...

Por estas razões é que houve bódo na polícia, bódo de licenças, de dinheiro e de louvores. Sim, de dinheiro, porque a gerência da Camisaria Confiança oferece 100000 para serem distribuídos pelos agentes que lisonjeiramente chafalharam as mulheres e alguns homens na rua St.ª Catarina, quando pretendiam que as desgraçadas daquela fábrika, onde vilmente se explora, aderissem à greve, o que não quiseram, porque elas são todas filiadas no Coração de Jesus, como em tempos já disseram. Santo gerente, beato pessoal, religiosa república esta, para a qual deu o seu esforço o falecido António da Silva Cunha, um dos fundadores da tal fábrika Camisaria Confiança...

Ah! esquecia-nos apontar que o célebre cabo Barros, aquele mesmo que contra a lei resumiu as suas funções depois de cumprir dois anos de cadeia pelo crime de assassinato, foi também solto, valoroso, na reigra de espandeiada. Ou é não fosse um correcional...

Eis o que temos a acrescentar ao que já dissemos, não esquecendo que a Confederação Socialista, reunida extraordinariamente, resolveu protestar contra o encarceramento da C. G. T. e apreensão de A Batalha, bem como contra a forma como, num sentido geral, foram tratados, no parlamento, os operários.

Quedas

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo Manuel dos Santos, de 9 anos, natural de Lisboa e residente no Alto dos Sete Moínhos, 106, 1.º, que caiu de uma fogueira, fraturado o braço esquerdo e ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José, deu ontem entrada, em estado grave, José Romero Penela, de 55 anos, natural e residente em Ilhavo, marítimo, que caiu a bordo do vapor Seta fundado na doca de Santo Amaro, fracturando a base do crânio.

Trabalhadores: Lêde e divulga

A NOVELA VERMELHA

D. Angelina Vidal

Pedem-nos Fernandes Alves e João Rodrigues, Cassão, para declararmos que, no cumprimento dum dever, foram tomar parte na transladação dos restos de D. Angelina Vidal, o primeiro como representante da redacção de A Voz do Operário, o segundo pela classe dos manipuladores de tabaco. A demora, porém, que tiveram à espera dum carro, fez com que chegassem ao cemitério precisamente quando os manifestantes retiravam, o que bastante os penalizou. No entanto, como, devido aos factos anormais dos últimos dias, e a não se ter feito convites, nem se ter publicado jornais, poucos souberam da manifestação e a concorrência foi muito diminuta, ficou assente entre eles o filho da extinta a realização dum manifestação, promovida pela redacção de A Voz do Operário, jornal de que a saudosa extinta foi redactora durante muitos anos.

O calvário dum inocente

Recebemos de Manuel Ramos, que se encontra no grupo B da cadeia do Lameiro, uma carta referente ao ferroviário Domingos Paulino que não foi publicada na altura própria, devido à intensa agitação dos dias que passaram.

Nessa carta relata-nos o facto das autoridades de Coruche terem em seu poder o processo há seis meses e não lhe darem andamento. Lamenta que justiça não seja feita, pois que o Domingos Paulino, cuja inocência não se desmentiu, em vez de ser reabilitado e restituído à liberdade, foi, ainda por cima, remetido para a Penitenciária.

COLISEU DOS RECREIOS

Ultima semana da companhia de opereta

HOJE - às 21 (9 da noite) - HOJE

Festa artística do aplaudido tenor Enrico Borghese

Única representação da magnífica opereta de Franz Lehár

CONDE DE LUXEMBURGO

O tenor Borghese cantará algumas romanzas do seu interessante repertório.

Amanhã - Festa artística do actor cómico Armando Gianni.

Única representação da deliciosa opereta Mademoiselle Nitouche

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Monção

10 DE AGOSTO

... e a caravana passa

Por aqui, como de resto em quasi todas as terras desta formosa e atrozíssima provincia minhota, tem sido, A Batalha e o seu desprezível correspondente, alcunhados de bolchevistas. E os que assim falam são aqueles bem-aventurados que tem garantida a entrada no reino dos céus. Por isso somos forçados a perdoar-lhes, pois eles nem sequer tem a consciência do que querem dizer.

No entanto sempre lhe diremos que A Batalha é órgão da Confederação Geral do Trabalho, editada, escrita e mantida por operários e tem por fim instruir, educar, orientar e defender as massas produtoras, oprimidas e roubadas por vós, negregados parasitas, vadios profissionais e... crónicas deste infeliz e desgraçado minhoto.

O correspondente desempenha gososamente — é verdade que sem competência — o seu lugar e mais não tem feito que subordinar-se à orientação do jornal que tanto se casa com as suas aspirações e com as suas preferências doutrinares e ideológicas e, de quando em vez, muito subtilmente, escarpaliza as aguçes condenáveis dos magnates políticos e tem procurado desmascarar todos os ladravazes que transformaram Monção em Falperia onde impunemente exercem os seus feitos miséres e onde o povo que trabalha é o caminhão confiado e desprevenido que tantas vezes tem ficado sem a bolsa, que já não tem camisa e a quem por vezes tem até roubado a vida!

Também o correspondente tem procurado — e é esse o seu dever — encaminhar e dirigir para a estrada luminosa e atraente da Verdade e da Justiça a classe operária local, tanto os que trabalham no campo como nas oficinas, obras ou fábrias, esforçando-se por lhe inculcar no espírito a consciência dos seus direitos e aconselhando-o a lutar por uma melhor situação económica a que tem jús, atendendo a que são infamemente explorados, não só pelos irrisórios salários que lhes pagam como no infinito número de horas que os obrigam a trabalhar.

Se proceder assim é ser bolchevista, então nós o somos e com muito prazer. De resto, podem continuar a fazer ouvir os sonoros uivos do costume que nos proseguiremos no nosso caminho, imperturbáveis e serenos.

Os «honrados negociantes»

Os do «negócio» mais uma vez pensam em fundar a sua associação de classe. Reparem bem nisto os operários e o povo consumidor. Enquanto estes só se preocupam com festas religiosas, sociedades de recreio, bailes, etc., etc., os jaiminhos e os barros gomes procuram fundar um sindicato onde de «tratam dos seus interesses» e nos «tratam da saúde»... Os operários tem aí um belo incentivo.

Visitantes

Estiveram nesta vila, há dias, de visita a um político da vizinha Galiza que aqui se encontrava a fazer uso das termas, quatro indivíduos que tem a mesma profissão e são naturais daquela provincia espanhola. Passaram, começaram bem, beberam melhor (para isso todos os políticos são diligentes), ouviram música e foram... para a Galiza. E fizeram bem. Quem toma sem trabalhar já há cá muito.

Dois... num

O dr. Vieira de Matos, monárquico antigo e moderno, arcebispo de Braga e primaz das Espanhas foi ao Geraz visitar o dr. António José de Almeida, ex-propagandista libertário que fez a apologia da bomba e dos incêndios de fábrika e de hoje o patriarca desta república onde os gestos da democracia são o fogo, o roubo e o assassinato.

Lemos num jornal cá da terra pública que a visita foi amistosa e demorada. Acreditamos. Foram dois... vultos políticos que se fundiram num só jelsuita... C.

Trabalhadores: Lêde e divulga

A NOVELA VERMELHA

D. Angelina Vidal

Pedem-nos Fernandes Alves e João Rodrigues, Cassão, para declararmos que, no cumprimento dum dever, foram tomar parte na transladação dos restos de D. Angelina Vidal, o primeiro como representante da redacção de A Voz do Operário, o segundo pela classe dos manipuladores de tabaco. A demora, porém, que tiveram à espera dum carro, fez com que chegassem ao cemitério precisamente quando os manifestantes retiravam, o que bastante os penalizou. No entanto, como, devido aos factos anormais dos últimos dias, e a não se ter feito convites, nem se ter publicado jornais, poucos souberam da manifestação e a concorrência foi muito diminuta, ficou assente entre eles o filho da extinta a realização dum manifestação, promovida pela redacção de A Voz do Operário, jornal de que a saudosa extinta foi redactora durante muitos anos.

O calvário dum inocente

Recebemos de Manuel Ramos, que se encontra no grupo B da cadeia do Lameiro, uma carta referente ao ferroviário Domingos Paulino que não foi publicada na altura própria, devido à intensa agitação dos dias que passaram.

Nessa carta relata-nos o facto das autoridades de Coruche terem em seu poder o processo há seis meses e não lhe darem andamento. Lamenta que justiça não seja feita, pois que o Domingos Paulino, cuja inocência não se desmentiu, em vez de ser reabilitado e restituído à liberdade, foi, ainda por cima, remetido para a Penitenciária.

Quedas

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo Manuel dos Santos, de 9 anos, natural de Lisboa e residente no Alto dos Sete Moínhos, 106, 1.º, que caiu de uma fogueira, fraturado o braço esquerdo e ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José, deu ontem entrada, em estado grave, José Romero Penela, de 55 anos, natural e residente em Ilhavo, marítimo, que caiu a bordo do vapor Seta fundado na doca de Santo Amaro, fracturando a base do crânio.

Trabalhadores: Lêde e divulga

A NOVELA VERMELHA

D. Angelina Vidal

Pedem-nos Fernandes Alves e João Rodrigues, Cassão, para declararmos que, no cumprimento dum dever, foram tomar parte na transladação dos restos de D. Angelina Vidal, o primeiro como representante da redacção de A Voz do Operário, o segundo pela classe dos manipuladores de tabaco. A demora, porém, que tiveram à espera dum carro, fez com que chegassem ao cemitério precisamente quando os manifestantes retiravam, o que bastante os penalizou. No entanto, como, devido aos factos anormais dos últimos dias, e a não se ter feito convites, nem se ter publicado jornais, poucos souberam da manifestação e a concorrência foi muito diminuta, ficou assente entre eles o filho da extinta a realização dum manifestação, promovida pela redacção de A Voz do Operário, jornal de que a saudosa extinta foi redactora durante muitos anos.

O calvário dum inocente

Recebemos de Manuel Ramos, que se encontra no grupo B da cadeia do Lameiro, uma carta referente ao ferroviário Domingos Paulino que não foi publicada na altura própria, devido à intensa agitação dos dias que passaram.

Nessa carta relata-nos o facto das autoridades de Coruche terem em seu poder o processo há seis meses e não lhe darem andamento. Lamenta que justiça não seja feita, pois que o Domingos Paulino, cuja inocência não se desmentiu, em vez de ser reabilitado e restituído à liberdade, foi, ainda por cima, remetido para a Penitenciária.

Quedas

No banco do hospital de S. José, recebeu curativo Manuel dos Santos, de 9 anos, natural de Lisboa e residente no Alto dos Sete Moínhos, 106, 1.º, que caiu de uma fogueira, fraturado o braço esquerdo e ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José, deu ontem entrada, em estado grave, José Romero Penela, de 55 anos, natural e residente em Ilhavo, marítimo, que caiu a bordo do vapor Seta fundado na doca de Santo Amaro, fracturando a base do crânio.

Trabalhadores: Lêde e divulga

A NOVELA VERMELHA

D. Angelina Vidal

Pedem-nos Fernandes Alves e João Rodrigues, Cassão, para declararmos que, no cumprimento dum dever, foram tomar parte na transladação dos restos de D. Angelina Vidal, o primeiro como representante da redacção de A Voz do Operário, o segundo pela classe dos manipuladores de tabaco. A demora, porém, que tiveram à espera dum carro, fez com que chegassem ao cemitério precisamente quando os manifestantes retiravam, o que bastante os penalizou. No entanto, como, devido aos factos anormais dos últimos dias, e a não se ter feito convites, nem se ter publicado jornais, poucos souberam da manifestação e a concorrência foi muito diminuta, ficou assente entre eles o filho da extinta a realização dum manifestação, promovida pela redacção de A Voz do Operário, jornal de que a saudosa extinta foi redactora durante muitos anos.

O calvário dum inocente

Recebemos de Manuel Ramos, que se encontra no grupo B da cadeia do Lameiro, uma carta referente ao ferroviário Domingos Paulino que não foi publicada na altura própria, devido à intensa agitação dos dias que passaram.

Nessa carta relata-nos o facto das autoridades de Coruche terem em seu poder o processo há seis meses e não lhe dare